



INFÂNCIA EM NOVA IORQUE -MA: MEMÓRIAS DE BRINCADEIRAS (1940-1955)

João Antônio de Sousa Lira ¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as memórias de infância no que diz respeito a brincadeiras em Nova Iorque-MA no período de 1940 a 1955. Utilizou-se como abordagem teórica a História Cultural por possibilitar a inserção de novos sujeitos, objetos e fontes no fazer historiográfico. Utilizou-se como método de pesquisa a História Oral, uma vez que, coaduna com os pressupostos da História Cultural mediante aplicação de entrevista de história de vida temática com cinco sujeitos de pesquisa que se constituem de ex-alunas e professoras da velha cidade de Nova Iorque. Teve-se como aporte teórico Barros (2003) Chartier (1990) Halbwachs (1990), Brougère (1998) dentre outros. Investigar a infância na sociedade da velha Nova Iorque nos deu subsídios para conhecer suas brincadeiras e seu modo de socialização, afinal, o modo pelo qual a infância é representada dentro do cotidiano, que é cultural, histórico e social, preenche ou oblitera lacunas na história da infância, inclusive em Nova Iorque-MA.

Palavras-chave: Brincadeiras, Infância, Memória, Nova Iorque-MA.

INTRODUÇÃO

Sabes que o coração é o casulo da vida,
Onde murmura a alma a perene lembrança
O Do passado, do além, da forma esvanecida,
De uns olhos de mulher, de um riso de criança;
Tu sabes que a MATÉRIA é maga e feiticeira,
Faz e desfaz; - é Água, é Ar, é Fogo, é Terra;
É onda que marulha, estrela condoreira,
É favônio que ameiga, é tormenta que aterra
(Atlântida, Dário Vellozo - 1938)

Ouvi deste a mais terna idade causos sobre uma cidade que um dia foi inundada, poderia estar falando da famosa cidade perdida de Atlântida, mas refiro-me aqui à cidade de Nova Iorque localizada no interior do estado do Maranhão que em nome do projeto

¹Professor da rede municipal de ensino de Nova Iorque-MA, licenciado em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA, joao.lira.antonio@hotmail.com



energético do país foi inundada em 1968 devido a construção da Hidroelétrica de Boa Esperança². Embora houvesse todo um plano de desapropriação dos moradores para uma outra cidade, à época em construção, que levaria o mesmo nome, os moradores tiveram seus modos de vida e de socialização afetados. No entanto, esse texto não tem por objetivo discorrer sobre o processo de transição da desapropriação da cidade velha para a cidade nova³, muito menos seus percalços, pois, já o fiz de forma breve quando pesquisei no mestrado o cenário educacional e a cultura escolar de Nova Iorque no período de 1938 a 1968.

Entretanto, objetiva-se nesse artigo analisar as memórias de infância no que diz respeito a brincadeiras em Nova Iorque-MA no período de 1940 a 1955 daquelas que foram meus sujeitos na pesquisa mencionada anteriormente: professoras e alunas que viveram na cidade de Nova Iorque Velha. Logo, a categoria infância não se constituiu o objeto daquela pesquisa, mas revisitando as narrativas percebi que uma ora ou outra as vivências das brincadeiras de infância emergiam de suas falas, fato esse que não poderia ser ignorado. Diante do exposto, surgiu a seguinte inquietação: como era vivenciado as brincadeiras de infância na cidade de Nova Iorque-MA no período de 1940 a 1955?

A este respeito, é necessário enfatizar que o sentimento de infância enquanto uma das idades da vida surge entre os séculos XIII e XVIII, uma vez que, a arte medieval retratava as crianças como pequenos adultos (ARIÈS, 2006). Isso significa que a sociedade aquela época não reconhecia a criança como um ser dotado de suas particularidades tal qual conhecemos hoje.

Nesse sentido, afim de dar-se maior visibilidade as memórias de infância na perspectiva histórica, tomou-se por base teórica metodológica a História Cultural (BURKE, 1992; LE GOFF, 2001; CHARTIER, 1990), da qual se difere da história serial por considerar a multiplicidades de documentos para a análise historiográfica, tendo em vista que, “a história cultural (...) tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER 1990, p.17). Partindo desse objeto, Chartier, elabora as categorias de práticas culturais e representações culturais, uma vez que, para o mesmo a cultura pode

² O projeto da construção da UHB fez parte do plano de Governo do Juscelino Kubitscheck, tendo início a construção no final da década de 1950, e consta no plano I Plano Diretor da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste para elevar o índice de consumo de energia elétrica na região que era extremamente baixa (BRASIL, 1966).

³ Termos utilizados pelos moradores para designar a cidade inundada e a cidade construída pela COHEBE.



ser investigada diante a relação entre estes dois elementos a partir dos sujeitos como produtores e receptores de cultura “que circulariam entre estes dois pólos” (BARROS, 2005, p. 129). A partir dessa compreensão entende-se por práticas culturais aquelas que geram produtos culturais. Para Barros (BARROS, 2005, p. 131)

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros.

Por outro lado, as representações culturais ou representações coletivas de acordo com Chartier (1990, p.8) “incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem”. Neste sentido, investigar as brincadeiras de infância em Nova Iorque-MA é situar as práticas culturais, contidas nas memórias de infância das sujeitos envolvidos no processo de socialização, bem como, a forma que eles agem, classificam, julgam a partir dos elementos que os próprios constroem e da realidade lhe são impostos.

Deste modo, utilizou-se fontes orais oriunda do método da história oral através de entrevista de história de vida temática que consiste “prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2013, p. 48), onde estes centram suas narrativas em uma determinada fase de suas trajetórias. Assim, evidenciou-se a memória de alunos e professores para que pudéssemos apreender os elementos que constituíram a infância em Nova Iorque em prol de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990).

SUJEITOS DA PESQUISA

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
(Alberto Caeiro)

A cidade de Nova Iorque, onde os sujeitos que foram pesquisados vivem, é como a aldeia descrita por Alberto Caeiro, pois, a partir dela é que pode-se ver a imensidão das relações estabelecidas cultural, social e historicamente entre aqueles que compartilham



suas vivências cotidianas, por isso, a cidade é tão grande como outra qualquer, afinal, o campo de visão através das práticas e representações culturais ultrapassa a altura física de uma pessoa, uma vez que, a cidade “oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoladas e articuladas uma sobre a outra” (CERTEAU, 2007, p.173).

Desse modo, apresentaremos brevemente nossos cinco sujeitos de pesquisa, afim de que possamos conhece-las para posteriormente discutir suas memórias de brincadeiras de infância. Sendo assim, é importante mencionar que após realizarmos o contato inicial apresentamos aos sujeitos de pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em que houve a autorização para utilizarmos os dados obtidos na entrevista. Quanto ao sigilo de suas identidades, dois sujeitos permitiram que seus nomes fossem identificados, logo, assinaram o termo de Consentimento de Identificação como Sujeito de pesquisa, entretanto, os outros três sujeitos pediram para resguardar suas identidades, portanto, identificá-los-emos⁴ como Flor de Algodão, Bromélia e Flor de Cajueiro.

Marli Araújo

Marli Gonçalves de Araújo, nascida na cidade de Nova Iorque Velha no dia 17/10/1939, filha de Feliciano Gonçalves de Araújo, deficiente física. Marli a identifica como “pedinte, uma esmoler”, uma vez que sua condição física a impedia de trabalhar. Seu pai não consta no registro. Perguntado sobre sua vida na cidade velha dona Marli nos responde “Meu fie, pra quem vive criada pela uma esmoler (silêncio) essa vida não foi boa”.

Marli teve como profissão a quebra do coco e era artesã de chapéu de palha da carnaúba. Marli viveu a vida quase toda na cidade velha, pois, como nos relata “eu só morei três anos fora de Nova Iorque, quando eu me casei em 63 e 66 eu vim me embora para Nova Iorque”.

Socorro Lima

Maria do Socorro Lima e Silva, professora aposentada, nascida na cidade de Alto Parnaíba no 19/03/1939. A mesma nos fala quando chegou em Nova Iorque “Eu cheguei em Nova Iorque com a idade de um ano e oito meses, que minha mãe contava, né sabe!”.

⁴ Utilizamos o nome de flores encontradas em Nova Iorque para identificar nossos sujeitos de pesquisa.



Filha de Luzia de Sousa Lima e Miguel Rodrigues da Silva, cuja as profissões são respectivamente doméstica e lavrador.

Flor de Algodão

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 09/12/1942, é professora primária aposentada. Filha de pai e mãe lavradores.

Bromélia

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 12/11/ 1939, dona de casa, filha de pai carpinteiro e mãe também dona de casa. Dona de uma voz ativa e olhar sereno, entre risos, gargalhas e lágrimas nos falou sobre sua vida e a cidade em que nasceu e que morou desde o seu nascimento

Flor de Cajueiro

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 15/12/1945, professora aposentada, lecionou na velha cidade entre os anos de 1964 e 1968. Filha de pai comerciante e alfaiate e mãe dona de casa e costureira. Morou a vida quase toda em Nova Iorque, pois, foi estudar o curso normal regional na cidade de Floriano-PI onde tornou-se professora.

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA... BRINCADEIRAS

*Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem,
é o tempo. E as lembranças são peixes nadando
ao invés da corrente. Acredito, sim, por
educação. Mas não creio. Minhas lembranças
são aves. A haver inundação é de céu, repleção
de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha
lembrança.
(Inundação, Mia Couto – 2003)*

O tempo corre assim como um rio, e as lembranças se fazem presentes, muito embora, as vezes não possam ser visíveis por estarem submersas nas correntezas, mas elas nadam e seguem. A espera de serem “pescadas”? De se constituírem um cardume? Uma rede? Talvez! Essa analogia chega a ser poética e verossímil, pois, há literalmente um rio que atravessa não só a casa, mas a cidade, a vida, os modos de ser e pensar dos novaiorquinos que viveram na cidade velha e que tiveram que se tornar peixes nadando



contra a corrente do esquecimento, uma vez que, a memória e as lembranças são tudo o que lhes restam.

Desse modo, as reminiscências de infância de nossos sujeitos da pesquisa são fundamentais para entender essa fase da vida na cidade velha, pois, trazem a memória de um grupo do qual participam. No entanto, para que nossa memória se apoie e se aproveite da do outro

não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p. 36)

Destarte, enfatiza-se nesse processo a capacidade de rememorar que se faz também em interação com o outro, dando um status coletiva à memória. Nesse sentido, ao recordarem-se da infância e suas brincadeiras, os sujeitos de pesquisa nos falam que:

Minha infância foi, foi toda em Nova Iorque [...] Só em casa só brincando mesmo, num fazia nada. (Marli Araújo)

o que eu lembro da minha infância em nova Iorque, bem...quando nós chegamos lá, minha mãe contava que a gente morava na beira do rio que tinha uma rampa. Bem na beira do rio Parnaíba tinha uma rampa. (Socorro Lima)

Lembro muitas brincadeiras, né... de roda, né! Do esconde esconde no rio... os banhos que tinha no rio Parnaíba. Tinha uns portos que a gente dedicava, tinha o portinho onde a gente pegava água. Tinha o porto onde a gente tomava banho, tinha a pedra grande que era um porto que a gente, é, participava muito, nós juntávamos, nós crianças, para tomar banho. Lá tinha um local no rio, assim como uma praia, num sabe, é... a gente chamava praia né, igualzinho coberto de areia né, e aí a gente deu o nome de praia, era uma diversão pra nós. Tinha a rampa né, que era o porto de embarque e desembarque, né dos, dos, das embarcações que eram balsas, era lanchas, né... o nosso transporte era mais era esses. (Flor de Algodão)

Era muito boa porque a gente brincava, saía, dançava [...] assim, agora brincadeira dia de domingo lá a gente chamava Camisola, aí todo domingo a gente ia dançar na sanfona, dançava, dançava. Lá não tinha luz, sabe? Lá tinha um motorzinho que acedia a luz sete horas, nove e meia para as dez dava o sinal e apagava, era assim. Aí nós estava lá dançando, uma beleza, quando a luz fazia tcham, apagava, aí eu digo: “Meu Deus, se a gente não chegar em casa agora, chegar lá já viu, a



minha mãe vai brigar muito”, porque brigava, não tinha energia. São uns pouquinhos, sabe? Não é como hoje. Aí quando ela dava sinal a gente largava tudo lá, corria e ia embora, chegava lá: “Minha filha, mas tu demorou”, “Não, mulher, nós tava ali na igreja brincando”, tudo mentindo, dançando, namorando e dançando lá no Camisola. (*Bromélia*)

As brincadeiras naquela época a gente brincava era... era de roda, brincava era de... a brincadeira de meu anelzinho está aqui, passando o anelzinho na mão, sentava ali e passava o anelzinho da mão de uma para outra, era... a gente brincava também de um... de uma brincadeira chamada bombaquim. E assim aquele desejo de brincar de boneca, mas as bonecas eram aquelas bonecas feitas de pano, muito feia. (*Flor de Cajueiro*)

A partir das memórias, observa-se que a brincadeira era marca registrada na infância na velha cidade de Nova Iorque. Muito embora, Marli diga que não fazia nada, ela brincava, e o brincar e jogar são uma função da vida e princípio vital de toda civilização, afinal, somos Homos Ludens (HUIZINGA, 1980). Nesse sentido, somos homens e mulheres lúdicos, uma vez que, os jogos e brincadeiras são produtos culturais (BARROS, 2003) porque elas estão imbuídas de visões, percepções, símbolos, signos e objetos culturais, pois traz consigo imagens “que o homem produz de si mesmo e das condições sociais de produção e de circulação dos objetos” (BARROS, 2003, p. 148).

Desse modo, observa-se nas memórias de infância dos sujeitos de pesquisa, que elas enquanto crianças, eram produtores de cultura, no caso de uma cultura lúdica, ou seja aquela “composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana” (BROUGÈRE, 1998, p. 108) a partir, por exemplo, de confecção de brinquedos como bonecas de pano, pois, mesmo havendo a representação de feiura nesse objeto, cumpria-se o objetivo para qual foram criadas: brincar.

Bem como, a partir do meio social e cultural em que viviam, à margem do Rio Parnaíba, inventavam formas de brincar como a brincadeira da *camisola* realizada aos domingos. A esse respeito, observa-se que muitas das vezes as crianças burlavam seus progenitores dizendo que estavam na igreja ao invés do rio, talvez devido a restrições impostas pelos pais em relação a ida ao rio para banhos, possivelmente por ser um local que oferecesse risco à vida das crianças, e; porque algumas meninas já estivessem em fase de transição para a adolescência, ou seja, idade para começar os namoricos como



evidencia a fala de Bromélia; como também devido ao fato da cidade não ter um sistema de iluminação eficiente existia um horário para se chegar em casa, pois, as luzes acendiam-se por volta das 19h e apagava-se por volta das 22h.

Imagem 01: Crianças à brincando no Rio Parnaíba em Nova Iorque-MA- 1950



Fonte: Arquivo do Pesquisador, 2020

Observa-se na imagem 01 crianças e crianças em fase de transição para a adolescência tanto do sexo masculino e feminino brincando às margens do rio Parnaíba. Há uma espécie de tronco de árvore em que pousaram para foto, o rio corre ao fundo na imagem, as meninas estão de blusas grande como uma espécie de camisola, de onde possivelmente surgiu o nome da brincadeira, os meninos estão de calção, e é nítido a expressão de felicidade no rosto de todos.

Ressalta-se também através das memórias que elas enquanto crianças também eram receptores de cultura, uma vez que, ao entrarem em contato com jogos e brincadeiras incorporavam e reinterpretavam-nas em operações criadoras como a brincadeiras do “esconde esconde” realizada no rio. A este respeito, observa-se que a socialização das



crianças através de seus jogos e brincadeiras dava-se principalmente em locais públicos como: o portinho onde pegava-se água límpida e a rampa no porto de embarque e desembarque da cidade. Logo, esses espaços geográficos da cidade ganhavam outra conotação e uma apropriação em espaços de lazer, brincadeira e diversão em oposição ao espaço de trabalho e de comércio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum vestígio!... Templos e muralhas,
Os papiros sagrados, - Runá disse,-
Perderam-se também;
Velam a terra líquida mortalhas;
Chocam-se as ondas, como quem carpisse... E a
voz dos Ecos: -Nada mais!... Ninguém...
(Atlântida, Dário Vellozo - 1938)

Perderam-se casas, espaços de lazer, diversão e brincadeiras, chocaram-se com as águas do rio Parnaíba, mas ao contrário da Atlântida de Dário Vellozo, há a voz dos ecos, da memória e daqueles que viveram o cotidiano da cidade velha. Suas lembranças são repletas de saudosismo pintadas no quadro de suas vidas, e, ao invés de nada mais...de ninguém... percebe-se um combate contra o esquecimento.

Nesse sentido, rememorar constitui-se uma ação contra o olvido, assim, analisar as memórias da infância na sociedade da velha Nova Iorque nos deu subsídios para conhecer brincadeiras na cidade descrita pelos sujeitos de pesquisa como: “esconde esconde”, brincadeira da camisola no rio Parnaíba, no porto de embarque e desembarque e na ponte do riacho. Desse modo, esses espaços públicos ganhavam outra conotação, uma apropriação como como espaços de lazer, brincadeira, diversão pelas crianças em oposição ao espaço de trabalho e de comércio.

Assim sendo, o modo pelo qual as brincadeiras de infância é representado dentro do cotidiano novaiorquino no período de 1940 a 1955, preenche ou oblitera lacunas na história da infância, inclusive em Nova Iorque-MA, pois, fala-se e discute-se sobre as memórias da inundação da cidade, das festividades sociais e religiosas, da vida adulta, deixando ao relento as memórias da infância. Logo, esse artigo contribui para pensar a memória, a infância e a brincadeira numa perspectiva da pesquisa histórica.



REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARIÈS, Phiplippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural – um panorama teórico e Historiográfico**. *Textos de História*, UNB, volume 11 – nº 1 e 2, 2003, p.145-171.

BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Prespectiva, 1980.

LE GOFF, J. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.